

Bancada do cruzado está em extinção

**Ricardo Amaral e
Simone Salles**

Os últimos efeitos do finado Plano Cruzado serão definitivamente anulados no próximo dia 3 de outubro. Poucos serão os políticos que, embalados em 1986 pelo estrondoso sucesso de público do plano econômico e a máquina do PMDB, poderão retornar ao Senado nas próximas eleições, quando dois terços da Casa serão renovados. Dos 42 senadores eleitos pelo partido, seis já morreram. Dos 36 que agora concluem o mandato, apenas cinco nomes sobreviveram eleitoralmente, com fôlego suficiente para concorrer à reeleição ou aos governos estaduais. Desse seleto grupo que tem chances de retornar ao Senado em 1995, apenas dois permanecem no PMDB.

Já os nomes que remaram contra a maré dos fiscais do Sarney e da ilusão da estabilidade econômica — seis do PFL, dois do PSD e um do PDT — estão, praticamente todos, muito bem nas pes-

quisas de opinião. “É o fim do Jurassic Park do cruzado”, comemora um cardeal do PFL. E com razão. Dos senadores eleitos pelo partido, apenas Alexandre Costa tem uma reeleição considerada difícil. Hugo Napoleão e Divaldo Suruagy (PFL em 1986 e hoje no PMDB) estão praticamente eleitos aos governos do Piauí e Alagoas, respectivamente. Mesmo os que deixaram o Senado há quatro anos para concorrer — e ganhar — governos estaduais estão cotadíssimos para retornar à Casa. É o caso dos governadores do Maranhão, Edison Lobão, e do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia.

Para os cardeais do PFL, sobreviveu quem tinha consistência política e densidade eleitoral. “Nós fomos vítimas do cruzado, a máquina do governo trabalhou para os candidatos do PMDB, mas sobrevivemos”, avalia o senador Marco Maciel (PFL-PE). Comparável ao trator eleitoral peemedebista de 1986, segundo

Maciel, só a eleição de Dutra, em 1945. “Difícil naquela época era ser eleito contra o cruzado”, afirma o presidente nacional do partido, Jorge Bornhausen.

Afundando — A maldição do Jurassic Park coloca no mesmo barco o atual presidente do Congresso, Humberto Lucena (PMDB-PB), Saldanha Derzi (PRN-MS), Jutahy Magalhães (PSDB-BA), Mauro Benevides (PMDB-CE), Ronan Tito (PMDB-MG), Ruy Bacelar (PMDB-BA), entre outros. Até mesmo o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, antes de ser alçado à condição de candidato à Presidência da República pelo PSDB, era considerado como mais um dinossauro do cruzado. “É a roda da história. Antes disso, ele quando muito teria cacife para sair a deputado federal; e com esforço”, avalia um parlamentar **tucano**.

Os que não têm chances de voltar preferem uma saída elegante. “Eu não sou candidato”,

admite o senador Dirceu Carneiro (PSDB-SC). Já os senadores do PMDB de Minas Gerais acharam uma solução curiosa — vão somar dois nomes para ver se conseguem uma vaga. Alfredo Campos concorre ao Senado, tendo como suplente o colega Ronan Tito. Nomes como o do senador Meira Filho (PMDB-DF) — que o Brasil não conhecia em 1986 e, depois de oito anos, continuou sem conhecer — desaparecerão do cenário político.

Entre os eleitos pelo PMDB, que sobreviveram aos oito anos de mandato, estão Mário Covas e Gerson Camata. Covas chegou ao Senado guiado por oito milhões de votos e agora lidera pelo PSDB as pesquisas de opinião para o governo de São Paulo. Pelo PMDB mesmo, apenas dois têm alguma chance de reeleição: João Calmon (ES) e José Fogaça (RS). Mesmo assim, se forem indicados como os nomes preferenciais pelos candidatos Gerson Camata e Antônio Britto.